

EDITORIAL

Investigação Clínica e Formação de Especialistas. Lições deste Congresso

A organização do XII CONGRESSO DE PNEUMOLOGIA tem boas razões para se sentir gratificada pelos seus esforços. Foram recebidos 97 resumos, provenientes de todos os centros de Pneumologia do País (já não apenas dos centros tradicionais) e com qualidade formal claramente superior aos anos precedentes. O Conselho Científico recusou apenas 3 resumos, por manifesta falta de informação, desejando aos seus autores uma reflexão que os coloque, no próximo ano, entre os melhores.

Dos 94 resumos seleccionados, 61 serão apresentados na forma de comunicação oral. A separação entre as comunicações orais e os posters foi estabelecida por critério duplo: qualidade científica e tipo de informação, não sendo possível concluir, em caso algum, que uma forma seja superior à outra. Ambas terão exposição pública e discussão autónoma, conforme consta do programa.

Recordo que a investigação clínica dentro da formação posgraduada não significa apenas a dedicação à Anatomia, Imunologia ou outras ciências de base. Significa fundamentalmente:

- ordenação protocolada do trabalho assistencial*
- rigor na execução dos planos de trabalho (ainda de carácter assistencial)*
- respeito absoluto pelos ditames da ética*
- conclusões coerentes, seguidas de medidas práticas, quando for o caso*
- expressão pública e transparente de resultados*

Além do seu valor formativo para os executantes, quer no ensino posgraduado, quer na formação contínua, a investigação clínica é uma forma de garantia de qualidade do trabalho assistencial. Neste sentido o seu valor excede muito os 2 valores actuais porque pode exprimir também o grau de excelência da qualidade de prestação das outras actividades, avaliadas por outros itens.

Os problemas relacionados com o lugar da investigação clínica não são paradigma da situação portuguesa, pois preocupam hoje os responsáveis pela formação de especialistas nos países da Europa com que temos contacto. A breve trecho os serviços formadores serão desafiados a adquirir reconhecimento de idoneidade perante o Board Europeu de Pneumologia para que os

seus formandos possam obter o grau de especialista europeu. Falta muito pouco para que a maioria dos serviços preencha os requisitos necessários para esse efeito; é nesta matéria, contudo, que se pode falar ainda de limitações a corrigir.

Quando se discutem estes assuntos dentro do âmbito do ensino posgraduado, há opiniões extremas que merecem a atenção pela curiosidade da sua bizarria. Os colegas provenientes das carreiras universitárias tendem a valorizar o peso curricular da investigação clínica, expresso em comunicações e artigos, ao mesmo tempo que procuram dar importância às respectivas "escolas". A curiosidade destas posições, genuinamente benignas, deve-se à ingenuidade de se tentar fazer crer que embora o panorama seja medíocre, o grupo de cada um é uma clara excepção. É estranho, mas há mesmo quem acredite nestas coisas e as escreva. No extremo oposto, há ainda algumas pessoas de responsabilidade com preconceitos enraizados em relação aos académicos (velhas frustrações inconfessadas?) que negam valor a todo o tempo gasto pelos médicos em trabalhos de investigação, considerado como actividade ociosa. Este grupo perdeu definitivamente o seu tempo histórico extinguindo-se gradualmente.

Este congresso demonstra a vitória do bom senso (ou da juventude). Tudo faremos no futuro próximo para transferir para o exterior (European Respiratory Society) as lições que nos são agora dadas pelos jovens pneumologistas.

*J. Agostinho Marques
Presidência da SPP*